

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS

Brasil vive era dos extremos

No país onde faltam infra-estrutura e tetos, fica mais fácil falar ao telefone e se mora cada vez mais sozinho

Embora tenha conhecido melhor certos confortos do Primeiro Mundo na última década, o Brasil ainda amarga o drama do subdesenvolvimento em setores vitais como Habitação e distribuição de renda. O percentual de residências com linhas telefônicas saltou de 19% em 1992 para 61,6% em 2002, enquanto o acesso às páginas da internet aumentou em 15,1%, entre 2001 e o ano passado. Em contrapartida, 50% dos la-

res brasileiros não sabem o que era saneamento básico até 2002. Os números, apresentados na manhã de ontem, integram a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Estatísticas revelam que crianças e adolescentes, em geral, têm mais tempo para os estudos. Hoje há mais escolas públicas para formar jovens que podem, no futuro,

descobrir uma fórmula mais eficiente de reduzir o trabalho infantil. Este é um mal que, apesar da redução na última década, ainda segrega 5,4 milhões de brasileiros com idade entre 5 e 17 anos.

Na idade adulta, a disputa é outra. A renda média baixou e o número de mulheres no mercado de trabalho continua aumentando. O nível de ocupação entre os homens manteve-se em queda, com 67,8% de atividade, enquanto, entre as

mulheres, o índice chegou a 44,5% em 2002, praticamente o mesmo de 1995 - auge desde o último censo.

Enquanto isso, o número de pessoas que vivem sozinhas em casas ou apartamentos cresceu de 7,4% para 9,7% durante a última década. Tal movimento vai na contramão do déficit habitacional brasileiro, que exclui mais de 6 milhões de habitantes do direito básico a um teto.

Salários foram nivelados por baixo

Queda na renda reduz desigualdade

JANAINA VIELELA
NICK DE PAULA

A diferença salarial entre os brasileiros mais ricos e mais pobres ficou ligeiramente menor durante o ano passado, segundo a pesquisa do IBGE. Mas o que deveria ser um bom indicador de redução da desigualdade é, na verdade, reflexo do empobrecimento geral da população. Em 2002, a renda dos trabalhadores ficou cerca de 2,5% menor e o recuo foi ainda mais intenso nos salários mais altos.

As perdas foram menores entre os 50% dos trabalhadores que ganham menos, com queda de 1,7%, do que para os 50% que ganham mais (-2,6%). Houve um deslocamento de renda, mesmo que muito pequeno, entre as classes - diz a coordenadora da pesquisa, Vandeli Guerra, citando esta causa como uma das razões para o recuo no Índice de Gini, indicador internacional de desigualdade.

De 2001 para 2002, o índice divulgado pelo IBGE passou de 0,566 para 0,563. Quanto mais o número se aproxima de 1, maior a concentração de renda do país.

Nívelou por baixo. Todos pioraram, o que os mais pobres pioraram um pouco menos - avalia o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Estudos Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Ela explica que queda tão pequena não será capaz de alterar a posição do Brasil no ranking mundial da desigualdade e resalta que o Índice de Gini apresentado pelo IBGE contabiliza apenas os ganhos de quem trabalha.

« É o mesmo efeito do desemprego, porque a renda zero está fora - diz Neri. Mesmo com o avanço do ano passado, tudo que o país

conseguiu foi voltar ao mesmo patamar de 20 anos atrás, quando o Índice de Gini era de 0,564.

O secretário municipal do Trabalho de São Paulo, Márcio Pochmann, lembra que, na década de 80, o retrato do mercado de trabalho era bem diferente: o país tinha menos desempregados e pessoas que trabalhavam sem remuneração, como por exemplo, aquelas que prestam serviço para a própria família.

« O que mostra que situação de lá para cá se deteriorou - diz Pochmann.

Os números da renda confirmam a piora do cenário. Desde 1996, os salários dos trabalhadores têm encolhido todos os anos e acumulam perdas de 12,3%. A maior redução foi verificada no rendimento dos trabalhadores por conta própria: 6,1% só em 2002.

Vandeli lembra que, se não fosse o aumento do salário mínimo, de 1,4% acima da inflação em 2002, a perda do poder aquisitivo da população seria ainda maior. Segundo ela, no ano passado, a economia do país sofreu os efeitos da crise energética iniciada no ano anterior e da turbulência financeira relacionada às eleições presidenciais. Há quem afirme que a queda de renda foi ainda maior do que faz crer a pesquisa do IBGE.

« Como a Pnad foi o campo em setembro e o mês de agosto, ela não comprou o repique inflacionário do último semestre do ano passado. O que mostra que esta queda deveria ser ainda mais acentuada - resalta Lauro Ramos, editor do boletim de Mercado de Trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

os piores de que tenho lembrança. Quem perdeu o emprego nessa época, como foi o meu caso, dificilmente conseguiu voltar - diz Rita, empregada de uma confecção.

A carteira assinada não garantiu mesmo padrão de renda anterior. O salário de R\$ 450 e o mesmo que recebia quatro anos antes, como se a inflação de 27% do período não tivesse existido. O resultado é um orçamento cada vez mais apertado para dar conta de telefone, luz, água e aluguel da casa em que mora no Méier, Zona Norte do Rio. Mas nem por isso a alegria de ter um emprego diminuiu.

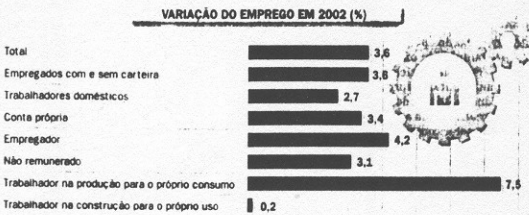
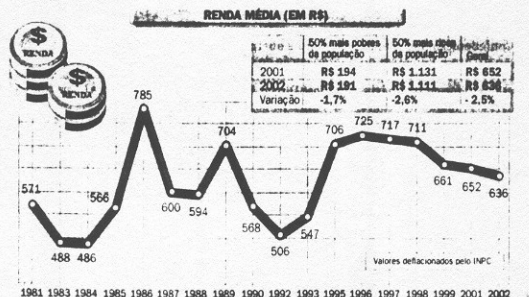
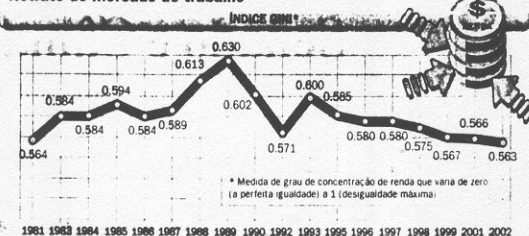
« Trabalhador é a melhor coisa que existe. Voltar é ainda melhor.

brunor@jb.com.br



EMPREGADA, a costureira Maria Rita Reges comemora, apesar da queda na renda: "Trabalhar é a melhor coisa que existe", diz.

Retrato do mercado de trabalho



SETOR	Agricultura	Indústria	Construção	Comércio e reparação	Serviços
Brasil	20,6	14,2	7,1	17,2	40,6
Norte	9,6	13,9	8,8	22,2	45,8
Nordeste	36,6	9,0	5,9	15,6	32,7
Sudeste	10,8	17,1	7,7	17,8	46,4
Sul	24,3	17,4	6,5	15,9	35,6
Centro-Oeste	17,6	10,8	7,7	18,9	38,9

Jornada maior por menos dinheiro

Os empregados brasileiros estão trabalhando mais e ganhando menos. Estudo do secretário municipal do Trabalho de São Paulo, Márcio Pochmann, com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad), revela que 96% das vagas criadas no ano passado foram ocupadas por pessoas não-remuneradas ou com renda inferior a um salário mínimo (R\$ 240).

Segundo a Pnad, o número de pessoas empregadas cresceu 3,6% em 2002. Foi o maior aumento anual registrado desde 1992 e equivale ao total de trabalhadores para 78,1 milhões. Outros 7,8 milhões de pessoas continuaram em busca de uma vaga. O desemprego no país alcançou 9,2% em 2002, contra 9,4% em 2001. É uma taxa menor do que as registradas pelas pesquisas mensais de emprego, porque a Pnad tem cobertura nacional, e as pesquisas são voltadas para as regiões metropolitanas, onde o desemprego é maior.

Pochmann resalta que as novas vagas tiveram jornada de superior a 44 horas semanais (77,9% das novas vagas), baixa renda e instabilidade. Em cada 10 empregos criados, apenas três registraram a carteira de trabalho.

« As pessoas estão trabalhando mais e ganhando menos. As vagas abertas não foram resultado de um aquecimento da economia e sim da necessidade de o próprio empregado sobreviver.

O professor da Unicap Claudio Dedecca concorda: « Quem está sendo empregado são pessoas com o nível de escolaridade maior, mas ganhando menos. É a precarização do mercado... »

De volta ao trabalho

BRUNO ROSA
ESPECIAL PARA O JB

Aos 47 anos, a costureira Rita Maria Reges lembra bem do dia 20 de maio de 2002. Naquela segunda-feira chuvosa, ela acordou cedo, tomou café da manhã e rezou antes de sair de casa. Tanta preparação tinha um bom motivo: sua volta ao mercado de trabalho depois de quatro anos desempregada.

Hoje, 18 meses depois de ter voltado a fazer parte da parcela empregada da população, ela considera ainda mais acirrada a disputa por uma vaga no mercado.

« Todo dia bate alguém na porta da confecção pedindo um emprego. A situação está realmente difícil. Os últimos oito anos foram

Foto: IBGE